

porque há quem o ensine, e esse ensino não é assexuado”, diz Eliane. A identificação com a mãe logo aparece nas brincadeiras da menina e, com o pai, do menino. Quem cuida de quem, quem sai com quem. É na família que as crianças fazem seus primeiros aprendizados para a divisão sexual do trabalho, em que a criança começa a aprender o que é “ser homem” e o que é “ser mulher” (Faria & Nobre, 1997).

Os estudiosos do brincar concluem que, ao brincar, a criança não apenas conhece a si própria como também aprende as normas sociais de comportamento, os hábitos determinados pela cultura; o jogo e a brincadeira são meios para a construção de sua identidade cultural. Nessa construção, os valores e as expectativas dos pais determinam quais atitudes são adequadas ou não para a menina. Resumidamente, essas expectativas são que “...os homens sejam fortes, independentes, agressivos, competitivos e dominantes”. Para as mulheres, a expectativa é de que sejam mais dependentes, sensíveis, afetuosas, que suprimam impulsos agressivos e sexuais. A educação em casa, muitas vezes, se resume a avisos (“eu estou te avisando...”). Adolescentes pesquisadas por Nanete Desser relatam ter recebido prescrições sexuais detalhadas, que giravam em torno da ameaça de gravidez, ao mesmo tempo em que a adolescente relatava não ter sido orientada (Desser, 1993). As prescrições familiares encontradas pela autora variavam desde coercitivas, percebidas como “repressão”, a persuasivas, percebidas como “orientação”, “educação”, “informação”. Nos estratos médios e pobres aparecem frequentemente os dois tipos de prescrição, no entanto, algumas adolescentes percebem-nos como repressão e outras, como educação. Já na classe média-alta predomina o segundo tipo de prescrição.

Professores de ciências que participaram de uma pesquisa sobre representações sociais do corpo relatam a educação que receberam na família quando crianças e adolescentes: não mostrar o corpo, corpo é morada da alma (se o corpo não é preservado, é pecado e vai para o inferno). Uma professora lembra que o irmão chegou chorando em casa porque apanhou na rua e levou outra surra do pai, pois, na visão deste, “menino não chora” (Shimamoto, 2003). Não muito diferente do que outra pesquisa encontrou em estudo com professoras de Ensino Fundamental. Por exemplo, sobre a primeira menstruação: dúvidas sobre o que era aquilo que encontrou na calcinha quando foi ao banheiro, ao que a mãe respondeu que depois explicaria, quando crescesse mais um pouquinho. Essa professora também relatou as diferenças entre meninas e meninos, quanto ao horário de chegada em casa (Nunes, 2001).

Ao ingressar na escola, estereótipos e expectativas (ou profecias auto-realizáveis) permeiam a relação professor(a)-aluno(a), confirmando ou reforçando aqueles advindos de casa. O grupo de iguais também exerce o efeito reforçador segundo suas expectativas de modelo masculino ou feminino.

O processo de construção de identidade é iniciado na família, porém, sua manutenção não se restringe a ela. Igreja, mídia (TV, revistas para jovens, revistas para o público feminino ou para o público masculino), escola, entre outros, também educam (Oliveira, 1998). Pesquisa realizada com jovens em São Carlos, em 1997, revelou que uma das principais fontes de informação dessas jovens eram as revistas (Montrone *et al.*, 1999). As jovens também mencionaram como fontes importantes os amigos (apesar de saberem que eles poderiam ter as mesmas dúvidas ou lacunas de informações que elas) e os amigos mais velhos (apesar de saberem que as experiências são únicas). Pais, médico e professor aparecem como fontes bastante remotas, sendo que o professor, especificamente, foi citado apenas uma vez.

### EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Como já adiantamos, a educação sexual está presente na escola e inicialmente apontaremos alguns espaços onde podemos encontrá-la. Porém, não explanaremos, pelo menos neste parágrafo inicial, as aulas de corpo humano, nas quais, suposta e aparentemente, estaria presente de forma mais explícita. A educação sexual está presente debaixo das escadas, nas portas dos banheiros, nos cantos dos corredores. Mas não só. Está presente também no controle e na reação da administração das escolas em relação ao que acontece nesses espaços. Também está presente nas histórias dos professores e professoras; nos corpos dos professores, das professoras, das professoras grávidas; nas histórias dos alunos e das alunas; nas espinhas, acnes, barbas e mamas que começam a despontar; nos bilhetinhos; nos suspiros; nas fotos dos ídolos; no correio elegante da festa junina; nos grupos nas salas; nas conversas com aquele professor que é amigo. Mas ainda há outros espaços onde a educação sexual está presente nas escolas, porém deixamos ao leitor essa descoberta.<sup>1</sup>

A educação sexual, seja na família, seja em cursos escolares ou não escolares, muitas vezes aborda apenas “aparelho reprodutor feminino e aparelho reprodutor masculino”, ou, melhor dizendo, muitas vezes aborda a anatomia dos dois e a fisiologia da reprodução, incluindo o funcionamento de glândulas cujos fluidos são dotados de uma racionalidade e de uma autonomia estonteantes. Quase inevitavelmente, num ato mágico, virtual ou misterioso, o espermatozóide encontra-se com o óvulo (nunca o inverso!). Não qualquer espermatozóide, mas sim o mais forte (referência à contribuição masculina à fecundação), aquele que encontra o passivo óvulo que está placidamente aguardando sua ação (referência à contribuição feminina à

1. Para outras leituras sobre sexualidades e escola, sugerimos uma incursão do/a leitor/a aos livros listados no final deste capítulo.